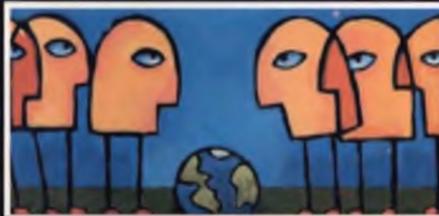
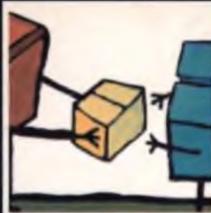


40  
ano  
UnB à frente



Lauro Morhy  
organizador geral

# Brasil em Questão

A Universidade e a  
Eleição Presidencial



EDITORA

UnB

Ao completar suas primeiras quatro décadas de existência, a Universidade de Brasília (UnB) apresenta à sociedade *Brasil em Questão: a Universidade e a Eleição Presidencial*, coletânea de artigos que pode ser definida como verdadeira imersão na realidade histórica, cultural, política e socioeconômica brasileira.

Esta obra é resultado dos debates desenvolvidos no âmbito do *Fórum Brasil em Questão*, rico e promissor diálogo orientado por um esforço de busca e superação de nossos desafios. Instalado em fevereiro de 2002, o *Fórum Brasil em Questão* trouxe, à UnB, durante cinco meses, 41 especialistas das mais diversas áreas para apresentarem e discutirem suas visões sobre temas estratégicos para o País

# **Brasil** **em Questão**

**A Universidade e a  
Eleição Presidencial**

*Fernando Henrique Cardoso*

Presidente da República

*Paulo Renato Souza*

Ministro da Educação

*Francisco César de Sá Barreto*

Secretário de Educação Superior

## FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

### Conselho Diretor

*Lauro Morhy* – Presidente

*Antônio C. de Matos Paiva*

*Carlos Alberto Rodrigues da Cunha*

*Carolina Martuscelli Bori*

*Flávio Rabelo Versiani*

*Inocência Mártires Coelho*

*Gileno Fernandes Marcelino*

*Jacques Rocha Velloso*

## UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor: *Lauro Morhy*

Vice-Reitor: *Timothy Martin Mulholland*

Decano de Ensino de Graduação: *Michelangelo Giotto S. Trigueiro*

Decano de Pesquisa e Pós-Graduação: *Noraí Romeu Rocco*

Decana de Extensão: *Dóris Santos de Faria*

Decano de Administração e Finanças: *Érico Paulo Siegmart Weidle*

Decana de Assuntos Comunitários: *Thérèse Hofmann Gatti*

Laboratório de Estudos do Futuro: *Henrique de Sousa Novaes*

Assessoria de Assuntos Internacionais: *José Flávio Sombra Saraiva*

Assessoria de Comunicação: *Rodrigo Caetano*



# Brasil em Questão

## A Universidade e a Eleição Presidencial

Organizador Geral

**Lauro Morhy**

Co-organizadores

**Marcos Formiga**

**Regina Marques**

**Adler Andrade**

**Tânia Costa**

Universidade de Brasília

Laboratório de Estudos do Futuro/Gabinete do Reitor

Editora Universidade de Brasília

---

**2002**



## Agradecimentos

O trabalho coletivo é, sempre, resultado dos esforços de ponderável número de pessoas que se comprometem por acreditarem no objetivo final proposto. Somos gratos a todos que contribuíram para o êxito do Fórum *Brasil em Questão*.

Em especial, nosso reconhecimento aos palestrantes que ousaram apresentar e discutir questões inquietantes dos nossos dias, e propor caminhos para o Brasil.

Nominalmente, agradecemos ao grupo consultivo do Fórum: Adler Andrade, Amado Cervo, Antônio José Escobar Brussi, Benício Viero Schmidt, Cristovam Buarque, Dércio Munhoz, Dóris Faria, Érico Paulo Siegmar Weidle, Flávio Rabelo Versiani, Henrique de Sousa Novaes, Jacques Velloso, José Flávio Sombra Saraiva, José Geraldo de Sousa Júnior, Lúcia Mercedes de Avelar, Marcel Burstyn, Marcos Formiga, Michelângelo Giotto S. Trigueiro, Noraí Romeu Rocco, Pedro Tauil, Regina Marques, Rodrigo Caetano, Sophia Wainer, Tânia Costa, Thérèse Hofmann Gatti, Timothy Martin Mulholland, Vamireh Chacon, Viviane Coutinho Sabino.

Expressamos nossa gratidão aos colaboradores da Universidade de Brasília que ofereceram relevante apoio, sem o qual não teria sido possível a realização do Fórum *Brasil em Questão* e a publicação deste livro – especialmente Decanato de Ensino de Graduação; Decanato de Extensão; Decanato de Assuntos Comunitários; Departamento de Música/IDA; Cerimonial; Prefeitura do Câmpus; Assessoria de Comunicação; Assessoria de Assuntos Internacionais;

Centro de Informática; Núcleo de Multimídia e Internet do Departamento de Engenharia Elétrica, CPCE, Gabinete do Reitor, Editora da Universidade. Também agradecemos aos músicos que se apresentaram no início dos debates e à Escola do Futuro da USP.

**LAURO MORHY**  
**REITOR DA UNB**

## Sumário

### APRESENTAÇÃO

Lauro Morhy 11

### ABERTURA DO FÓRUM

Lauro Morhy 15

### 29 de fevereiro BRASILIDADE

Roberto Freire 21

Artur da Távola 31

Aspásia Camargo 37

Vamireh Chacon 47

### 16 de março BRASIL NO MUNDO

Samuel Pinheiro Guimarães 53

Oliveiros Ferreira 63

Amado Cervo 75

### 30 de março POLÍTICAS DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA

Márcio Pochman 85

André Urani 97

Cristovam Buarque 107

3 de abril A INFRA-ESTRUTURA NACIONAL

Yeda Crusius 119

Luiz Pinguelli Rosa 129

Décio Munhoz 139

10 de abril SAÚDE E SANEAMENTO BÁSICO

Sergio Arouca 155

Marcos Helano Montenegro 167

Sebastião Viana 177

Pedro Tauil 185

17 de abril EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Roberto Vermulm 197

Sergio Rezende 207

João Batista de Oliveira 217

Lauro Morhy 231

24 de abril CIDADANIA, EXCLUSÃO SOCIAL  
E VIOLÊNCIA

Guilherme de Almeida 239

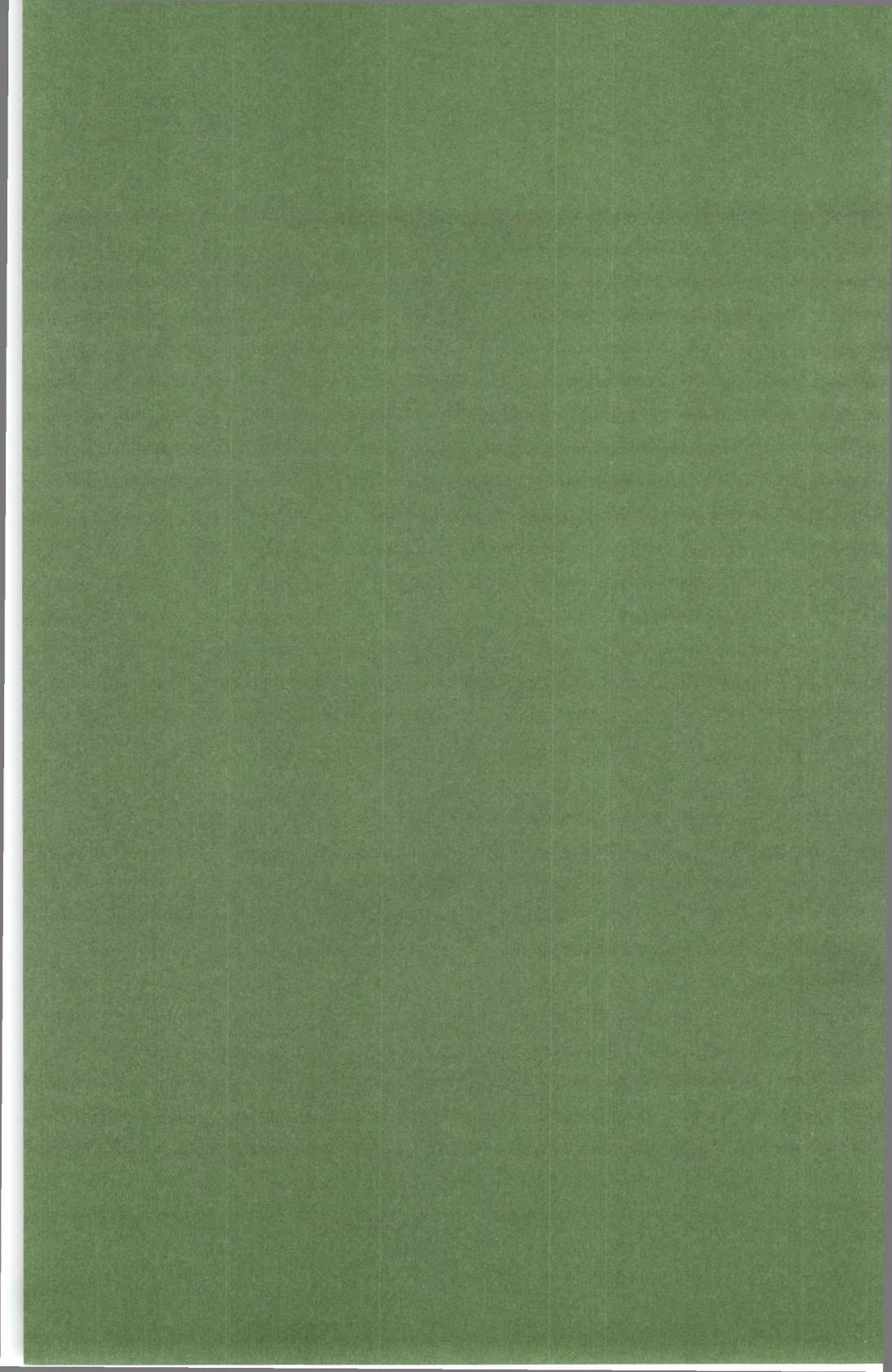
Sueli Carneiro 245

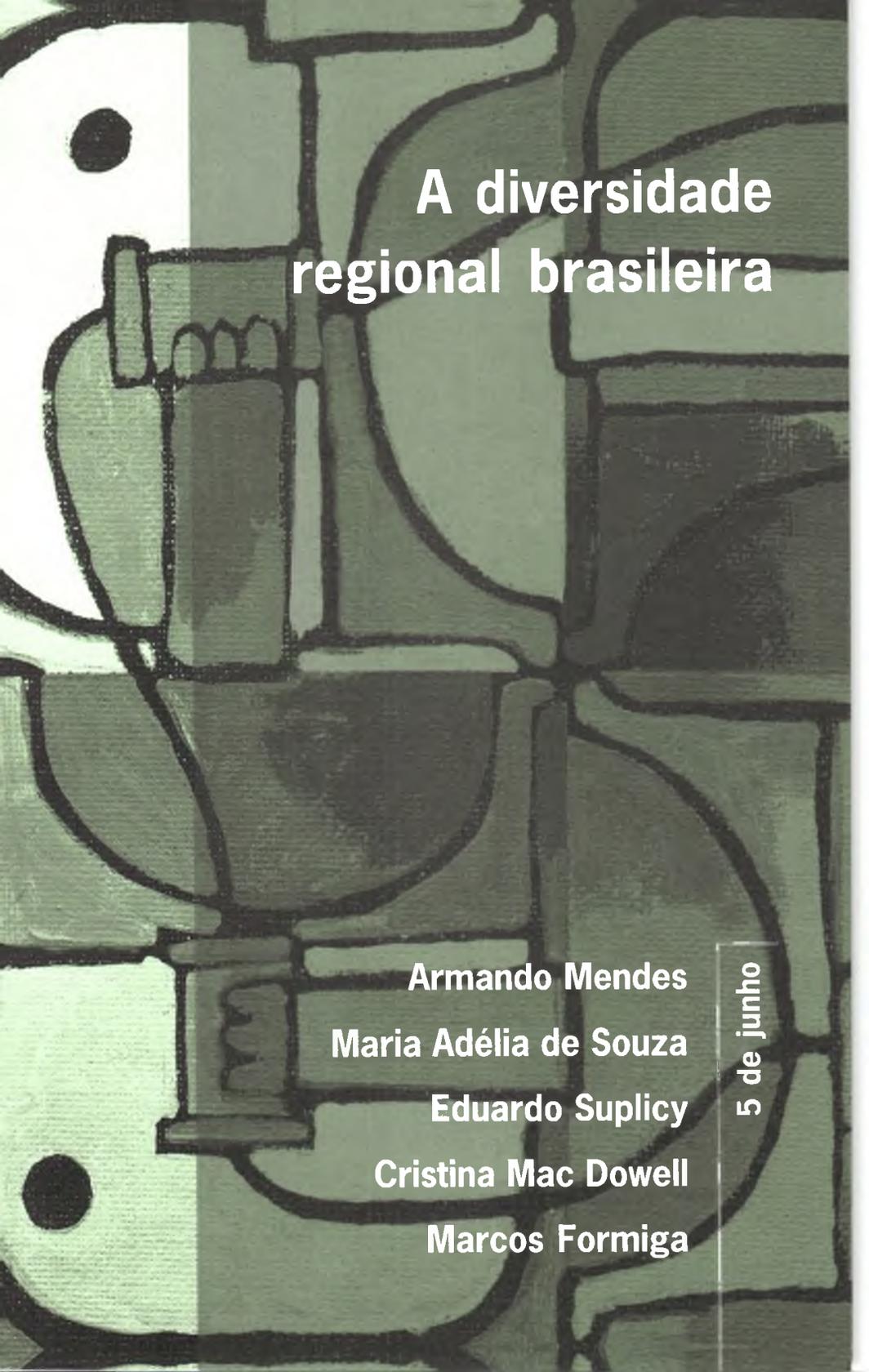
Luiz Mott 253

Dóris Faria 261

5 de junho	A DIVERSIDADE REGIONAL BRASILEIRA	
	Armando Mendes	275
	Maria Adélia de Souza	283
	Eduardo Suplicy	295
	Cristina Mac Dowell	307
	Marcos Formiga	321
19 de junho	MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, AMAZÔNIA	
	Washington Novaes	351
	Marina Silva	361
	Edna Ramos Castro	371
	Marcel Burstyn	379
3 de julho	REFORMAS ESTRUTURAIS PARA O PAÍS	
	Ricardo Varsano	391
	Wilson Cano	405
	Vinícius Carvalho Pinheiro	433
	José Geraldo	447
17 de julho	A UNIVERSIDADE BRASILEIRA	
	Helgio Trindade	459
	Edson Franco	475
	Jacques Velloso	485
	Lauro Morhy	499







# A diversidade regional brasileira

Armando Mendes

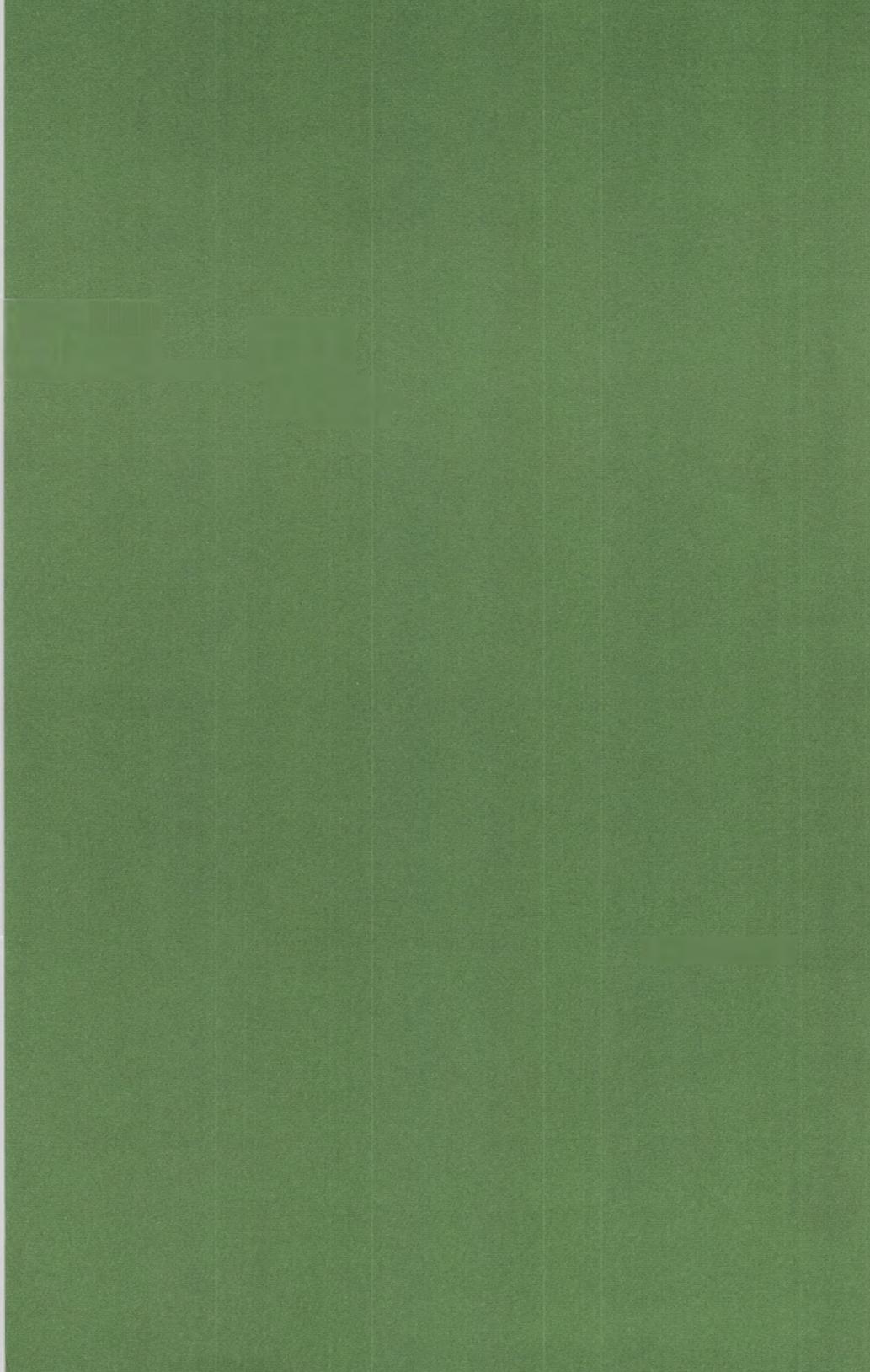
Maria Adélia de Souza

Eduardo Suplicy

Cristina Mac Dowell

Marcos Formiga

5 de junho



## Renda de Cidadania

**Eduardo Suplicy**

Gostaria de colocar nesta perspectiva a extraordinária desigualdade que caracteriza o Brasil e as nossas diferenças socioeconômicas, a questão dos instrumentos que poderiam estar colaborando para modificar este quadro e a situação do ser humano, sobretudo o seu grau de liberdade no sentido de que nos fala *Amartya Sen* em *Desenvolvimento com Liberdade*<sup>1</sup>, quando observa que o desenvolvimento só fará sentido se ampliar, para todos os seres humanos, o seu grau de escolha. Qual o grau de escolha que têm os brasileiros nas últimas décadas? Nos anos quarenta, cinquenta, sessenta, e assim por diante? Como é que, por exemplo, um dos grandes poetas do Nordeste expressava este grau de liberdade? Poderíamos ilustrar com a música de Patativa do Assaré, hoje com mais de noventa anos, e que era cantada pelo sertanejo Luiz Gonzaga, *Triste Partida*, quando ele dizia: “*Eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo, nós vamos a São Paulo viver ou morrer, pois logo aparece feliz fazendeiro, por pouco dinheiro lhe compro o que*

---

<sup>1</sup> Eduardo Suplicy é Senador da República pelo PT-SP, em seu segundo mandato. Mestre e Doutor em Economia pela Michigan State University, nos Estados Unidos. É um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT). Autor de diversas publicações sobre garantia de renda mínima à classe pobre do Brasil. Ex-Deputado estadual pelo extinto MDB em 1979. Ex-Professor da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

*tem” ... “ai, ai, meu Deus, faz pena o nortista, tão forte, tão bravo, viver como escravo no norte, no sul”*. Será que os brasileiros hoje, nos anos noventa e no século vinte e um, estão com maior grau de liberdade do que aquele expresso por Patativa do Assaré? Qual é a expressão, por exemplo dos jovens das grandes metrópoles brasileiras, que hoje cantam o seu rap dizendo justamente como se sentem? Se formos assistir na grande São Paulo os Racionais MCs cantando para milhares de jovens, em que pesem as longas letras de rap, com a do Diário de um Detento, ou de Um Homem na Estrada, os jovens sabem cantar quase que na íntegra.

E o que é que diz a letra de Mano Brown?

#### HOMEM NA ESTRADA

“Um homem na estrada recomeça sua vida.

Sua finalidade: a sua liberdade.

Que foi perdida, subtraída;

e quer provar a si mesmo que realmente mudou,  
que se recuperou e quer viver em paz.

Não olhar para trás, dizer ao crime: nunca mais!

Pois sua infância não foi um mar de rosas, não.

Na Febem, lembranças dolorosas, então.

Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim.

Muitos morreram sim, sonhando alto assim,  
me digam quem é feliz, quem não se desespera,  
vendo nascer seu filho no berço da miséria!

Um lugar onde só tinham, como atração, o bar,  
e o candomblé pra se tomar a bênção.

Esse é o palco da história que por mim será contada.

O homem na estrada.

Equilibrado num barraco incômodo, mal acabado e sujo,

porém, seu único lar, seu bem e seu refúgio.  
Um cheiro horrível de esgoto no quintal,  
por cima ou por baixo, se chover será fatal.  
Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou.  
Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou.  
Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas.  
Logo depois esqueceram, filhos da puta!  
Acharam uma mina morta e estuprada,  
deviam estar com muita raiva.  
'Mano, quanta paulada!'.  
Estava irreconhecível. O rosto desfigurado.  
Deu meia-noite e o corpo ainda estava lá.  
Coberto com lençol, ressecado pelo sol, jogado...  
O IML estava só dez horas atrasado!  
Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim!  
Quero que meu filho nem se lembre daqui,  
tenha uma vida segura.  
Não quero que ele cresça com um "oitão" na cintura  
e uma "PT" na cabeça.  
E o resto da madrugada sem dormir, ele pensa  
o que fazer para sair dessa situação?  
Desempregado, então.  
Com má reputação.  
Viveu na detenção.  
Ninguém confia não.  
... e a vida desse homem para sempre foi danificada.  
O homem na estrada...  
O homem na estrada...  
Amanhece mais um dia e tudo é exatamente igual.  
Calor insuportável, 28 graus.  
Faltou água, já é rotina, monotonia.  
Não tem prazo pra voltar, hã! já fazem cinco dias!

São dez horas, a rua está agitada,  
uma ambulância foi chamada com extrema urgência.  
Loucura, violência exagerada!  
Estourou a própria mãe, estava embriagado.  
Mas bem antes da ressaca ele foi julgado.  
Arrastado pela rua o pobre do elemento,  
o inevitável linchamento, imaginem só!  
Ele ficou bem feio, não tiveram dó.  
Os ricos fazem campanha contra as drogas  
e falam sobre o poder destrutivo delas.  
Por outro lado, promovem e ganham muito dinheiro  
com o álcool que é vendido na favela.  
Empapuçado ele sai, vai dar um rolê.  
Não acredita no que vê, não daquela maneira,  
crianças, gatos, cachorros disputam palmo a palmo  
seu café da manhã na lateral da feira!  
Molecada sem futuro, eu já consigo ver:  
só vão na escola pra comer, apenas, nada mais!  
Como é que vão aprender?  
Sem incentivo de alguém, sem orgulho e sem respeito,  
sem saúde e sem paz.  
Um mano meu tava ganhando um dinheiro,  
tinha comprado um carro,  
até rolex tinha!  
Foi fuzilado à queima roupa no colégio,  
abastecendo a playboyzada de farinha!  
Ficou famoso, virou notícia,  
rendeu dinheiro aos jornais, hu!, cartaz à polícia  
Vinte anos de idade, alcançou os primeiros lugares...  
superstar do Notícias Populares!  
Uma semana depois chegou o crack,  
gente rica por trás, diretoria!

Aqui, periferia, a miséria é de sobra.  
Um salário por dia garante a mão-de-obra.  
A clientela tem grana e compra bem,  
tudo em casa, costa quente de sócio.  
A playboyzada muito louca até os ossos!  
Vender droga por aqui, grande negócio!  
Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim,  
Quero um futuro melhor, não quero morrer assim,  
num necrotério qualquer, como indigente,  
sem nome e sem nada...  
O homem na estrada  
Assaltos na redondeza levantaram suspeitas.  
Logo acusaram a favela para variar,  
E o boato que corre é que esse homem está,  
com o seu nome lá na lista dos suspeitos,  
pregada na parede do bar.  
A noite chega e o clima estranho no ar,  
e ele sem desconfiar de nada, vai dormir tranquilamente,  
mas na calada caguetaram seus antecedentes,  
como se fosse uma doença incurável,  
no seu braço a tatuagem, DVC, uma passagem, 157 na lei...  
No seu lado não tem mais ninguém.  
A Justiça Criminal é implacável.  
Tiram sua liberdade, família e moral.  
Mesmo longe do sistema carcerário,  
te chamarão para sempre de ex-presidiário!  
Não confio na polícia, raça do caralho!  
Se eles me acham baleado na calçada,  
chutam minha cara e cospem em mim! É...  
Eu sangraria até a morte...  
Já era, um abraço!

Por isso a minha segurança eu mesmo faço.  
É madrugada, parece estar tudo normal.  
Mas esse homem desperta, pressentindo o mal,  
muito cachorro latindo.  
Ele acorda ouvindo barulho de carro e passos no quintal.  
A vizinhança está calada e insegura,  
premeditando o final que já conhece bem.  
Na madrugada da favela não existem leis,  
talvez a lei do silêncio,  
a lei do cão talvez.  
Vão invadir o seu barraco, é a polícia!  
Vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malícia!  
Filhos da puta, comedores de carniça!  
Já deram minha sentença e eu nem tava na “treta”!  
Não são poucos e já vieram muito loucos!  
Matar na crocodilagem, não vão perder viagem.  
Quinze caras lá fora, diversos calibres,  
e eu apenas com uma “treze tiros” automática.  
Sou eu mesmo e eu, meu Deus e o meu orixá.  
No primeiro barulho, eu vou atirar.  
Se eles me pegam, meu filho fica sem ninguém!  
É o que eles querem: mais um “pretinho” na Febem!  
Sim, ganhar dinheiro, ficar rico enfim,  
a gente sonha a vida inteira e só acorda no fim,  
minha verdade foi outra, não dá mais tempo pra nada...”  
(tiros)

(Trecho radiofônico:

‘Homem mulato aparentando entre 25 e 30 anos  
é encontrado morto na estrada do M’Boi Mirim sem número.  
Tudo indica ter sido acerto de contas entre quadrilhas rivais.  
Segundo a polícia, a vítima tinha vasta ficha criminal’...).

A letra diz da falta de liberdade do ser humano. Que instrumentos poderiam modificar isso? Aqueles que pudessem colaborar para que o Brasil se torne uma sociedade civilizada e justa, que levem em consideração os valores que não sejam simplesmente a busca do interesse próprio. Instrumentos como a realização mais rápida da reforma agrária; o estímulo às formas cooperativas de produção; a maior interação entre empresários e trabalhadores e o estímulo às empresas a contratarem os trabalhadores não só por salário, mas também por participação nos resultados; o estímulo às formas de micro-crédito, de Banco do Povo, como começa a ocorrer no Brasil.

Entre estes qual é a saída que devemos considerar como uma solução de bom senso? Eu considero que uma renda como um direito a cidadania para todos, e não apenas uma renda relacionada à educação seja um passo muito importante. É preciso que tenhamos a perspectiva de que, em breve, todos os residentes no Brasil possam ter uma renda com sentido incondicional, não importando sua origem, raça, idade, sexo, condição civil ou mesmo socioeconômica.

A todas as pessoas se garantiria o mínimo de renda básica ou o que denomino de renda de cidadania, no livro *Renda de Cidadania – A Saída é pela Porta*<sup>2</sup>.

Já dizia o mestre Confúcio, quinhentos e vinte anos antes de Cristo, que a incerteza é pior do que a pobreza. Imaginem se, desde o início da história do Brasil, quando aqui tínhamos a propriedade comum da terra, tivéssemos sempre separado uma parcela do valor adicionado, desde o ciclo do pau-brasil, do ouro, da cana-de-açúcar, da borracha, da primeira fase de industrialização, da soja, da segunda fase de industrialização, até os tempos mais modernos dos celulares, dos aparelhos digitais, dos micro-computadores, para constituir um fundo que simplesmente pertencesse a todos os

brasileiros e, deste fundo, estivéssemos pagando uma renda igual para todos, como um direito a cidadania.

Portanto, todos têm que ter o direito inalienável de participar da riqueza da nação, pelo menos recebendo uma modesta renda. Isto teria um impacto formidável, inclusive sobre as diferenças de rendimento e desenvolvimento regional. No Brasil, se uma pessoa tivesse garantido um mínimo de renda nos próximos 12 meses elevaríamos o grau de liberdade da pessoa humana. Assim, os personagens de *Triste Partida* ou do *Homem na Estrada* não precisariam mais existir para falar o que os nossos jovens hoje sentem. Será que isso é possível?

No IX Congresso Internacional da Rede Européia da Renda Básica, de 12 a 14 setembro de 2002, com a participação não apenas de economistas da Europa, mas também da África do Sul, da Argentina, da Colômbia, do Brasil, estarei defendendo que esta proposta está ao nosso alcance. Esta proposição vem desde Confúcio, Aristóteles, quando observaram que, para se alcançar uma vida justa para todos, temos de atingir o bem comum pela justiça política e, antes de tudo, pela justiça distributiva. Tal também ocorreu quando Karl Marx sintetizou que quando os seres humanos estiverem amadurecidos, poderão escrever como lema de sua bandeira na sociedade: *De cada um de acordo com a sua capacidade, a cada um de acordo com suas necessidades*. Os mesmos princípios encontram-se na Bíblia Sagrada, no Antigo Testamento, nas 513 vezes em que é colocado no livro do Êxodos, de David, de Deuteronômio, o termo *Tzedaka*, que em hebreu quer dizer justiça social. No Novo Testamento, seja nas parábolas de Jesus, nas recomendações de São Paulo aos Coríntios, observa-se que, para que haja igualdade e justiça, todo aquele que colheu uma safra abundante não tenha demais e, o que colheu uma safra pequena, não tenha de menos.

Depois de 11 de setembro de 2001, houve um despertar e uma enorme curiosidade de saber o que diz o Alcorão, o Islamismo. Podemos observar os mesmos princípios porque o Califa Omar, no livro do Kadis, escreveu que toda pessoa que tem um grande patrimônio deve destinar uma parte dele para os que pouco ou nada têm. No budismo, Dalai Lama também diz em *Uma Ética para o Novo Milênio*<sup>3</sup> que, se for para aceitar o consumo tão suntuoso dos mais ricos, deveremos assegurar antes a sobrevivência de toda a humanidade. Um dos maiores humanistas, Thomas More, em 1516 em *Utopia*<sup>4</sup>, observou que a pena de morte não havia, como hoje, contribuído para diminuir os assaltos, roubos e a criminalidade violenta. Para ele, muito mais eficaz do que inflingir esse castigo a quem não tem outra alternativa senão, de primeiro tornar-se um ladrão para daí ser transformado em cadáver, é você assegurar a sobrevivência das pessoas. Com base nessa reflexão um amigo dele, Juan Luis Vivès, recomendou ao prefeito da cidade de Bruges, em 1526, num tratado de subvenção aos pobres, que se deveria assegurar uma renda mínima para todos. Em 1795, Thomas Paine afirmou para a assembléia nacional francesa, que a pobreza é algo que tem a ver com a civilização e a instituição da propriedade privada. Dizia que na América, duzentos e tantos anos atrás, não se via tanta destituição e pobreza quanto nas cidades européias. Advogava que uma pessoa que cultivasse a terra e usufruísse do cultivo e do seu trabalho naquela propriedade, reservasse uma parcela daquele rendimento para um fundo que a todos pertenceria que, uma vez acumulado, pagaria a cada pessoa residente no país 15 libras esterlinas ao completar 21 anos e 10 libras esterlinas ao completar 50 anos. Daí para a frente, a cada ano, a todos se asseguraria o direito de receber uma parte da riqueza daquela nação, que lhe foi retirada quando foi instituída a propriedade privada.

No século XX, muitos filósofos advogaram uma renda mínima para que todos pudessem assegurar o suficiente para sua sobrevivência. Mas, pagar até mesmo a quem não trabalha não é estimular a ociosidade? E aquelas pessoas que têm a tendência inarredável à vagabundagem? Já dizia Bertrand Russel em *Os caminhos para a liberdade*<sup>5</sup> – “*eu não me preocuparia tanto com eles pois são em pequeno número*”.

É preciso também salientar que àqueles que detêm a propriedade, supermercados, fábricas, fazendas, hotéis e títulos, é assegurado o direito de receber rendimento. Está na Constituição o direito a propriedade mas, por acaso, a Constituição Brasileira obriga os que detêm a propriedade que tenham direito de receber seus rendimentos na forma de aluguéis, juros e lucros? Por acaso a nossa Constituição obriga os detentores do capital a trabalhar? Entretanto eles normalmente trabalham. É, pois, natural do ser humano querer progredir.

A grande vantagem disto é que, em primeiro lugar, eliminaríamos toda e qualquer burocracia envolvida para saber quanto cada um está recebendo no mercado formal e informal. Eliminaríamos o sentimento de estigma, de vergonha, de a pessoa dizer eu só recebo tanto e por isso eu mereço tal complemento de renda. Além do mais as pessoas passariam a saber de antemão, planejadamente, ainda que de forma modesta, mesmo que começássemos com 40 reais por mês.

Numa família de seis pessoas isso significaria 282 reais mensais, que poderiam fazer enorme diferença na vida de muitos brasileiros. Se começássemos com um dividendo mais modesto, de 40 reais por mês ou 480 reais por ano para os 170 milhões de brasileiros, chegaríamos à soma de 81,6 bilhões de Reais. Entretanto, se disséssemos claramente que todos nós, brasileiros, em 1999, último ano para os quais há dados disponíveis das contas

nacionais, contribuímos para pagar 86 bilhões de reais de juros internos e externos aos detentores de títulos da dívida pública dos governos municipais, estaduais e federal, chegaríamos à conclusão de que está perfeitamente ao nosso alcance arrecadar, em breve, o necessário para garantirmos o direito à vida com dignidade para todos os brasileiros.

## QUESTÃO AOS CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Como avalia a possibilidade, em meados do próximo mandato presidencial, de ser instituída no Brasil, de forma definitiva, uma renda de cidadania ou renda básica incondicional? Ou seja, não importa a origem, raça, sexo, idade, condição civil ou socioeconômica, a todas as pessoas se assegurará uma modesta renda suficiente para cumprir suas necessidades vitais, levando em conta o PIB *per capita* e a arrecadação pública.

### Notas

- 1 Sen, Amartya (1999) *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- 2 Suplicy, Eduardo M. (2002) “Renda de Cidadania – A saída é pela Porta”. São Paulo, Cortez Editora e Fundação Perseu Abramo.
- 3 Dalai Lama (2000) *Uma Ética para o Novo Milênio*, São Paulo: Sextante, 5ª Ed..
- 4 MORE, Thomas (1516). *Utopia*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- 5 RUSSEL, Bertrand. (1918) *Os caminhos para a liberdade: socialismo, anarquismo e sindicalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.



*Impressão e Acabamento:*



SIA TRECHO 3 LOTE N° 1760

Fone: (0xx61) 362-0008 / Fax: (61) 362-7476

e-mail: [quick@gns.com.br](mailto:quick@gns.com.br)

contemporâneo.

As discussões ali realizadas certamente não esgotaram a complexidade dos temas. Contudo, como lembra o reitor Lauro Morhy, *Brasil em Questão* "é um meio e, não, um fim. É um bom começo para despertar outras consciências, mentes e corações, pensando e pulsando Brasil". É desse debate que o leitor é convidado a participar.

Com a publicação, em 2002, de *Brasil em Questão: a Universidade e a Eleição Presidencial*, a UnB cumpre, mais uma vez, seu compromisso histórico de contribuir para a reflexão sobre as alternativas e projetos para o nosso País.

**BRASILIDADE** • Roberto Freire • Artur da Távola • Aspásia Camargo • Vamireh Chacon • **BRASIL NO MUNDO** • Samuel Pinheiro Guimarães • Oliveiros Ferreira • Amado Cervo • **POLÍTICAS DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA** • Márcio Pochman • André Urani • Cristovam Buarque • **A INFRA-ESTRUTURA NACIONAL** • Yeda Crusius • Luiz Pinguelli Rosa • Dércio Munhoz • **SAÚDE E SANEAMENTO BÁSICO** • Sergio Arouca • Marcos Helano Montenegro • Sebastião Viana • Pedro Tauil • **EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA** • Roberto Vermulm • Sergio Rezende • João Batista de Oliveira • Lauro Morhy • **CIDADANIA, EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA** • Guilherme de Almeida • Sueli Carneiro • Luiz Mott • Dóris Faria • **A DIVERSIDADE REGIONAL BRASILEIRA** • Armando Mendes • Maria Adélia de Souza • Eduardo Suplicy • Cristina Mac Dowell • Marcos Formiga • **MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, AMAZÔNIA** • Washington Novaes • Marina Silva • Edna Ramos Castro • Marcel Burstyn • **REFORMAS ESTRUTURAIAS PARA O PAÍS** • Ricardo Varsano • Wilson Cano • Vinícius Carvalho Pinheiro • José Geraldo de Sousa Júnior • **A UNIVERSIDADE BRASILEIRA** • Helgio Trindade • Édson Franco • Jacques Velloso • Lauro Morhy